

**CEDI**

**Povos Indígenas no Brasil**

Fonte: O Liberal

Class.: 1665

Data: 08.04.90

Pg.: \_\_\_\_\_

**Alunos americanos vêem  
'machismo' dos ianomamis**

Washington (AE) — Demorou, mas aconteceu. A campanha pelos direitos dos índios brasileiros, um dos grandes temas dos grupos ecológicos americanos preocupados com a preservação da Amazônia, trombou com a luta pela emancipação das mulheres, outro assunto politicamente mobilizador nos EUA. A colisão aconteceu numa sala de aula do Menlo College, em Atherton, Califórnia e foi assunto na seção de cartas do Wall Street Journal, na quinta-feira passada.

Segundo Marilyn Faulkenburg, professora de Comunicação do Menlo College, um artigo intitulado "A Tragédia Amazônica", sobre a tribo ianomami, que o Journal publicou na primeira página, no dia 21 do mês passado, provocou uma animada discussão entre seus alunos porque esses índios brasileiros têm o péssimo hábito de bater em mulher. Alunos e professora terminaram a discussão não sabendo a quem atribuir o papel de bandido, se aos milhares de garimpeiros que invadiram as terras dos ianomamis, como fez a matéria do Journal, ou aos próprios índios.

De acordo com o notável antropologista Marvin Harris, os ianomamis foram apelidados de "O povo feroz" porque eles praticam o espancamento das mulheres e o infanticídio feminino", escreveu Faulkenburg. Para provar o ponto, ela reproduziu um trecho do livro "Cannibals and Kings", de Harris: "Os ianomamis praticam uma forma especialmente brutal de supremacia masculina que envolve poligenia, o frequente espancamento das mulheres e o estupro coletivo das mulheres de tribos rivais capturadas". Além disso, acrescentou a professora, "é comportamento aceitável para o homem ianomami trocar sua mulher por comida ou proteção. Quando a população experimenta falta de mulheres para reprodução, é igualmente aceitável atacar outras tribos para obtê-las".

"A nossa pergunta é: essa sociedade merece ser protegida contra o século vinte? ou, para colocar a questão de outra forma: os garimpeiros são realmente os "bandidos", os bandidos nes-

sa história, como sugere o artigo?", escreveu Faulkenburg.

Para a professora, certamente uma feminista conseqüente, "talvez são os antropólogos que têm mais a ganhar com a preservação de uma cultura tão brutal e primitiva. Eles dependem (da existência) desses grupos (para obter financiamento) para as suas pesquisas".

"Eu não acho que as mulheres ianomamis gostam de apanhar, de ser violadas e comercializadas como objetos. O artigo (do Journal) afirma que os ianomamis, em geral, suspiram pela tecnologia que o homem branco traz. O que há de errado em deixá-los ter essa tecnologia?", perguntou Faulkenburg.

Em Washington, a organização Survival International, que organizou uma vigília em favor dos ianomamis em frente à embaixada do Brasil, no mês passado, nem sabia da carta. "A posição da professora é muito etnocentrista", limitou-se a dizer uma anônima funcionária da organização, prometendo uma resposta mais completa depois.

"Esse Harris é um picareta", disse Stephen Schwartzman, antropólogo do Environmental Defense Fund (EDF), o grupo mais ativo em relação ao Brasil nos bancos multilaterais de desenvolvimento. A situação dos ianomamis levou o EDF a praticamente paralisar um empréstimo de mais US\$ 100 milhões que o Banco Mundial estava processando para apoiar o zoneamento ecológico de Rondônia. "O Harris parte da visão do Napoleon Chagnon, (antropólogo francês) que dá uma visão exagerada de alguns aspectos da cultura ianomamis", disse ele, tentando responder aos argumentos levantados na discussão no Menlo College. Cópias da carta de Faulkenburg ao Journal circularam no Banco Mundial.

Se a discussão prosperar, os ianomamis, já ameaçados de extinção pela invasão de suas terras pelos garimpeiros, correm o risco de ter que adaptar alguns de seus hábitos ancestrais aos padrões americanos no final do século XX — ou perder uma parte de seu apoio internacional.